

# *Verdadeiro Auto de Adão e Eva ou Estado Primitivo da Natureza*

*por*  
*João de Pádua Vasconcellos*

Organização, introdução e notas de  
António Bárbolo Alves  
(Bolsheiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
e do Ministério da Educação)

## FICHA TÉCNICA

Título: *Verdadeiro Auto de Adão e Eva ou Estado Primitivo da Natureza*

Autor: João de Pádua Vasconcellos

© Centro de Estudos António Maria Mourinho e António Bárbolo Alves

1ª Edição: Março de 2008

Edições do Centro de Estudos António Maria Mourinho

Biblioteca Municipal

Rue de 1 Cumbento, s/n

5210-021 MIRANDA DE L DOURO

centro.amm@gmail.com

<http://ceamm.no.sapo.pt>

<http://tpmirandes.no.sapo.pt>

## 1. Versões existentes no CEAMM

No Centro de Estudos António Maria Mourinho existe uma única fotocópia feita de um folheto constituído por 16 páginas, da autoria de João de Pádua Vasconcelos, editado pela Livraria Portuguesa, Largo dos Loyos, 55-86, Porto, sem data e reproduzido na edição digitalizada.

## 2. Origens

O tema bíblico do *Génese* ou, mais especificamente, a história de Adão e Eva, está presente em muitos textos do Teatro Popular Mirandês. No espólio de António Maria Mourinho existem, para além deste *Verdadeiro Auto...* mais dois, já editados, o *Auto da Criação do Mundo* e o *Colóquio de Adão e Eva*.

À espera de resposta ficam, contudo, muitas perguntas quer sobre a biografia de João de Pádua de Vasconcelos quer sobre estes textos, nomeadamente a questão de saber qual deles é o mais antigo, passível de estar na origem dos outros...

## 3. Representações

Segundo informa Valdemar Gonçalves este texto foi representado em Malhadas em 1994<sup>1</sup>.

Na fotocópia existente no CEAMM também se pode ler, nas costas da segunda página, escrito à mão, possivelmente por António Mourinho, a seguinte nota: "*Malhadas*".

No sítio web já referido, o mesmo Valdemar Gonçalves diz possuir igualmente um folheto, descoberto na Póvoa (Miranda do Douro), idêntico ao existente no CEAMM.

---

<sup>1</sup> Ver <http://www.mirandes.net/index2.asp?idcat=816> - Consultado dia 29.02.2008)

ANJO

Sem princípio a Trindade,  
Santíssima *encreada*,  
*Creada* tudo resolve,  
Faz tudo nascer do nada.

Tudo puro nada sendo,  
Formando em confusão,  
Se formou deste maneira  
Por tão sábia *creação*.

O Omnipotente que em si,  
Em si mesmo existia,  
Cria o *céo* e cria a terra,  
Que a si mesmo lhe aprazia.

Cria os anjos, cria a luz,  
Desde esse primeiro dia  
Em que fez que em *belleza*  
Nada mais os excedia.

Das trevas a luz divide  
Com tal graça e *formusura*,  
Que dia à luz lhe chama  
E trevas à noite escura.

No segundo dia cria  
Das águas e elemento  
Entre as *quaes* firme *colloca*  
O luzido firmamento.

Dá o firmamento às águas  
Que em cima *d'elle creou*  
O lindo nome de *Céo*  
Que até aqui se conservou.

Debaixo do *céo* às águas  
Que da terra separou  
Todas juntas *elle* junta  
Num todo que mar chamou.

No terceiro dia à terra  
Que ficou *secca*, lhe disse:  
Que de toda a *herba* e planta  
Próprios *fructos* produzisse.

E no quarto dia o Sol  
*Pr'a* de dia alumiar,  
*Elle* cria: luz, *estrellas*,  
*P'ra* de noite só brilhar.

As aves no quinto dia  
C'os *animaes* de terra e mar,  
Deus *creou* e lhe ordena,  
O crescer e multiplicar.

E vendo que tudo bom,  
Era o que tinha *creado*,  
No sexto dia resolve  
Que fosse o homem formado.

E sobre as mais creaturas  
O cria com tal vantagem,  
Que formá-lo<sup>2</sup> se dignou,  
Formá-lo<sup>3</sup> qual sua imagem.

Para que sendo senhor  
Que excita a são *rasão*,  
Seus direitos cá na terra  
Gozasse sem ter lesão.

E p'ra que na companhia  
Um sinal<sup>4</sup> houvesse a este,  
A mulher com *elle* cria  
No *paraízo* terrestre.

N'este sítio tão ameno  
Feliz sono<sup>5</sup> lhe infundiu  
E lhe tira uma *costella*  
Que foi d'onde Eva *sabiu*.

Estes *dous* entes infelizes,  
Pães de nossa geração;  
Têm os nomes antigos  
D'Eva um, outro de Adão.

“*Sae*” Adão e Eva.

*Dictosos* Adão e Eva,  
Do *paraízo* gozai;  
De tudo podeis comer,  
“N'esta árvore não tocai.”

O Anjo aponta para a árvore:

Pois se *d'ella* vós comerdes  
Vos virá a morte dura:  
Eva sendo desterrada,

---

<sup>2</sup> “formal-o”.

<sup>3</sup> “Formal-o”.

<sup>4</sup> “signal”.

<sup>5</sup> “somno”

E Adão na sepultura.

Da soberba vós fugi,  
E da curiosa cobiça<sup>6</sup>  
Sede a Deus obedientes  
Conservai sua justiça.

ADÃO

Que *mystério* neste sono<sup>7</sup>  
Que tive n'este jazigo?  
Oh! Mulher quem te formou  
Para estares só comigo?

O Senhor pois te abençoe  
Que a nós ambos nos formou  
E nos ceda mui benigno  
Doce fim que nos marcou.

Para conservar a natureza  
D'este princípio que havemos  
Justo é que *attendamos*  
Justo é que meditemos.

D'esse *abyssmo*, d'esse nada,  
*Inda* há pouco eu tirado,  
Vi d'um lindo e *bello* barro,  
O meu corpo assim formado.

D'este campo *demasceno*,  
Que Adão terra lhe chama  
Onde vem juntar-se agora  
De um lodo um pouco ou de lama.

O Senhor diz, tão poderoso  
P'ra conserva a lembrança,  
– Eu fazer pretendo o homem  
Com a minha *similhança*.

O Omnipotente debuxa,  
Do lado da minha figura;  
*Elle* só poder fazia  
Tão completa *creatura*.

O meu corpo *organizado*  
Em que Deus me separou:  
Alma, vida, sentidos,  
Completo homem ficou.

Fez-me ver d'onde nasci,

Terno *effeito* e cousa certa  
Da terra, onde nasci,  
Sepultura minha aberta.

Recorda o que o anho disse,  
Que zeloso aprendêssemos:  
Não fôssemos curiosos,  
Nem soberba nós tivêssemos.

Pois se quisêssemos mais,  
Ser do que Deus nos fizera  
Outra vez retornaríamos  
A ser o que d'antes era.

Dos anjos sirva o exemplo;  
Que dos *céos* sendo *creados*  
Por quererem-se elevar  
*Inda* foram mais baixados.

E visto que somos feitos  
Ma matéria quebradiça,  
Em nada nós procuremos  
A soberba, nem cobiça<sup>8</sup>.

E *supposto* que nos fez  
Com tão grande formosura  
Divina *sciencia* amemos  
Que nos deu esta figura.

Que nos dotou de memória  
Para *d'elle* nos nós lembrar  
Na vontade, entendimento,  
O sabermos sempre amar.

Porque três são três actos  
Que formam a humanidade  
Amor, *sciencia*, notícia,  
Memória, razão, vontade.

Pois que Deus em toda a obra  
Baixa seja, ou seja alta,  
Sabe e quer porque *ella* pode  
E não tem de nada falta.

E assim como Deus só  
Um só é em três pessoas  
Assim nossas três potências  
São da nossa alma coroas.

E sendo nós tão completos

---

<sup>6</sup> “cubiça”.

<sup>7</sup> “somno”.

---

<sup>8</sup> “cubiça”.

Isentos de qualquer mal  
Como pura imagem viva,  
D'um tão divino original.

Nosso anjo aconselhou  
E façamos reflexão;  
Que guardássemos amor  
Entre nós com união.

Foi por isso de razão  
Tu não fosses mais que eu,  
Pois qualquer sendo soberbo  
Dê *emfim*, bem se perdeu.

Podia-te Deus fazer  
D'esta terra sítio ameno:  
Mas poderias pensar  
Não ser barro *demesceno*.

Das plantas, também fazer-te  
Podia d'ave e *animaes*;  
Mas dizer tu poderias  
Que inda eras que *elles* mais.

E como vem perdição  
À soberba *creatura*,  
Que mais do que outro quer ser  
Sendo da mesma figura.

O Senhor determinou  
Por sua grã providência  
Tirar-te d'este meu lado  
Por sermos da mesma essência.

Foi para isto servido  
Que eu dormisse descansado  
Para saíres da *costella*  
Do meu mais amante lado.

E te fez deste *costella*  
Com tão grata gentileza,  
Que a ambos nos obrigou  
Ser um só na natureza.

Obrigando-nos a *amal-o*  
Sobre o mais que em roda havia,  
E ambos mui unidos  
Com mui completa harmonia.

E crescer, multiplicar,  
Até o mundo ser cheio;

Bem a lei observando  
Não teremos nós receio.

E que assim te regalasses  
Assim como eu regalado;  
E me fosse mui *sugeita*  
Pois *sabiste* do meu lado.

Proibiu-nos<sup>9</sup> de tocar  
N'essa árvore vedada  
A quem a pena de morte  
Nos ficou só reservada.

Que muito amor houvesse  
Mui singelo entre nós  
E que para sempre obediente  
Tu me *attendesses* à voz.

EVA  
Do que dizes persuadida  
Estou; dou-te obediência,  
Visto que assim o manda  
A divina providência.

Pois ainda as vozes presentes  
Hei no anjo que *fallou*,  
Quando n'este *paraízo*  
Essa lei nos intimou.

Nem pode haver melhor  
Cousa tal à sociedade,  
Do que termos em amor  
Singela fraternidade.

E seria grande crime  
Não guardar-te obediência  
*Creadando-nos* o Senhor  
Na candura da *innocencia*.

Fujam vícios e a soberba  
E vão para longe de mim;  
Conservar quero a justiça  
E graça dos Céos sem fim.

Mas olha marido amado,  
Dize tu, se pode ser  
O sinal<sup>10</sup> para eu ser mãe  
Para *d'elle* me defender.

---

<sup>9</sup> “Prahibió-nos”

<sup>10</sup> “signal”

ADÃO

Para estas barbas tu olha,  
Que me deu a Providência,  
*Ellas* só por si requerem  
*Sugeição*, obediência.

Pois que é um sinal<sup>11</sup> certo  
De haver mais entendimento<sup>12</sup>,  
Que sempre deve mostrar  
Em todo o espaço e tempo.

EVA

Esse sinal<sup>13</sup> que te vejo  
Deve respeitável ser,  
O Senhor que em ti o pôs<sup>14</sup>  
Outro fim não pôde haver.

Permita o mesmo Senhor  
Que sempre seja acertado  
Tudo o que tu entenderes  
Tiveres premeditado.

ADÃO

O que dizes, ó mulher  
É fundado na razão;  
Mas queira Deus que *ella* um dia  
Nos não *cauze* confusão.

Vivamos, minha mulher,  
E vivamos sempre assim;  
A Deus se faça a vontade  
E a ti e tu a mim.

Seremos assim ditosos  
Em união e amor,  
A graça nós conservando  
Que nos deu Nosso Senhor.

Mas ó mulher tão querida  
Sigamos sempre a verdade,  
E nunca nós *offendamos*  
A divina *magestade*.

Bem sabes que nosso Deus  
Nos pôs<sup>15</sup> preceito apertado  
De não tocar nem comer

Em esse *fructo* tão vedado.

Que *elle* mesmo reservou  
Como cousa singular,  
D'essa árvore da ciência<sup>16</sup>  
Já do mal do nem obrar.

Tenhamos por isso conta  
Não queiramos o contrário,  
Muitos anjos se perderam  
Por um só adversário.

O anjo também nos disse  
Não devermos esquecer  
Que cumpríssemos a lei  
Senão, mal podia haver.

Eu quero agora encostar-me  
N'este jardim deleitoso,  
E dormir no *paraiço*  
Um sono<sup>17</sup> delicioso.

Ora dá-me tu licença,  
Pois que me vou deitar  
E a ti se te parece  
De mim junto podes estar.

EVA

É onde estou melhor  
Mui bem e à vontade,  
Pois não tenho a mais ninguém  
Que fazer a sociedade.

Posto que Adão já dorme  
Não temo dar um passeio;  
Posto de que o mal *succeda*  
Deve ter bem bom receio.

Mas *emfim* eu sempre irei,  
E nada de recear!  
Sempre neste *paraiço*  
Muito há que admirar!

Quero ver a árvore tal  
Que o Senhor faz *prohibir*,  
Não para *n'ella* eu tocar,  
Só para a vista a possuir.

---

<sup>11</sup> “signal”.

<sup>12</sup> “intendimento”.

<sup>13</sup> “signal”

<sup>14</sup> “poz”.

<sup>15</sup> “poz”.

---

<sup>16</sup> “sciencia”.

<sup>17</sup> “somno”.

*Vê junto da árvore uma serpente.*

Porque novo atrevimento  
Tens serpente aqui *subido!!!*  
A essa árvore que Deus  
Nos tem tanto *proibido!!*

SERPENTE

Quem te fez crer em tal  
Tão áspera *proibição!*  
Sempre és asna, mui louca  
Se dás a isso *atenção.*

EVA

O Senhor fez um decreto  
Mui rigoroso preceito,  
Que quem *d'ella* assim comesse  
À morte fosse sujeito.

SERPENTE

Do mal, do bem a ciência<sup>18</sup>,  
Tu verás *n'ella* encerrada,  
Como pois se há *proibir*  
Uma cousa tão estimada?

Quem d'esse *fructo* comer  
Mui esperto há-de ser;  
E qual Deus, a Deus igual  
Será igual no saber.

Aparta esses cuidados  
De temores de morrer;  
Come tu e verás logo  
Como sábia vens a ser.

EVA

Pegando *n'ella* irei sempre  
Só por esta *ocasião.*  
Só por haver a ciência<sup>19</sup>  
De Deus e também de Adão.

SERPENTE

Come ó minha amiga  
Que o pomo não é tamanho!  
Temor não tenhas algum  
Que em verdade não te engano.

*Vendo que Eva comeu.*

Com *efeito* minha amiga  
Granjeastes<sup>20</sup> a ciência<sup>21</sup>,  
Mas agora estás perdida,  
Oh! Tem santa paciência!

Tu não tens outro remédio,  
Que o ficar sempre perdida,  
Mas se o *offereceres* a Adão  
Serás restabelecida.

EVA

Serpente maldita sejas  
Em cujos dolos caí<sup>22</sup>  
E por teus cruéis *affagos*  
A Deus desobedeçi.

Enganaste-me cruel  
A minha sinceridade!  
Maldita sempre tu sejas  
Ó serpente na verdade.

Miserável sou ó monstro,  
Que infiel tu me enganaste!  
Onde estão os bens da graça  
Que infeliz tu me tiraste?

Do mal e do bem é *fructo*,  
*Aquella* que ora comi,  
Pois já o mal eu posuuo,  
Depressa o bem perdi!

Oh! Que desgraça tenho  
Sem a graça original!  
Se eu sabia só do bem,  
Agora já sei do mal!

Bem estar podendo eu,  
Com Adão meu tão amado,  
Por a vã curiosidade  
É maldição de *peccado!*

Ai! Céus! Que me vejo nua!  
Oh que mísero estado  
Perdi o vetsido da graça  
Que o Senhor me havia dado!

Passarinhos, vós dizeis  
Que *cantaes* alegremente

---

<sup>18</sup> “sciencia”.

<sup>19</sup> “sciencia”.

---

<sup>20</sup> “Grangeastes”

<sup>21</sup> “sciencia”.

<sup>22</sup> “cahi”.

Se remédio podeis dar  
A uma pobre penitente!

Que *comtudo* se confunde  
Em que só *ella peccasse*;  
E Adão de crime livre  
Só em graça *elle* ficasse!

Levar-lhe da maçã  
Para comê-la<sup>23</sup> também  
Vendo nua que estou  
*Elle* c'o manto que tem?

Eu não posso da experiência  
Do mal nem só duvidar;  
Para Adão me vou chegar  
Antes que *elle* entre a chamar!

Se a *elle* chegar puder  
*Emquanto* estiver dormindo,  
Ir-lhe-ei formar engano  
Para de mim não ficar rindo!

Por traz da murta entrarei  
Onde ficou reclinado  
E como a mim não veja  
Eu na fala hei-de enganá-lo<sup>24</sup>.

Querido esposo Adão!  
Oh! Que sono<sup>25</sup> te atacou!  
Olha que comer já fui  
Do pomo que Deus vedou.

É o fruto da ciência<sup>26</sup>  
Que Deus assim *prohibia*  
Só para ambos não sabermos  
*Fructos* da sabedoria.

A serpente me explicou  
Que sem medo eu comesse,  
Que se o bem já sabia  
Que o mal também soubesse.

No mundo o que *quizer*  
Ter juízo e *intender*,  
Só saber do bem é pouco  
Deve o bem e o mal saber.

D'este *fructo* nós comendo  
Estaremos n'um momento  
*Iguaes* a Deus como Deuses,  
Em quanto ao *intendimento*.

Bem à vontade comi  
*D'aquillo* que Deus vedou,  
E contudo<sup>27</sup> não morri  
E contudo<sup>28</sup> viva estou.

Eu te trago só metade,  
Oh! Não deixes de comer!  
Não temas! Come à vontade  
Que tu não hás-de morrer.

ADÃO  
Se assim é o que tu dizes  
Eu comerei sem morrer:  
Deixa provar d'esse pomo  
Deixa-m'ó primeiro ver!

Oh! Eva que me enganastes  
Oh! Desgraçada maçã  
Oh! Triste coitado Adão  
Que perdeste a razão!

Como hei-de desculpar-me  
Ao Senhor que há criado!  
Que me vestiu de graça  
Que hora me tira o *peccado*!

Que mais saber eu queria  
Do que o Senhor ensinou!  
E para que apetecer  
O que *elle* a si reservou!

*Olha para a mulher.*

Oh! Desgraçada mulher,  
Tu estavas já despida,  
E foi só para me enganar  
Que me *fallas* escondida.

Infeliz cruel *boccardo*  
Que comemos da maçã,  
Tu Eva ingrata *ficcaste*  
E eu desgraçado Adão!

---

<sup>23</sup> “comel-a”.

<sup>24</sup> “Eu na falla heide enganal-o”.

<sup>25</sup> “somno”.

<sup>26</sup> “É o fructo da sciencia”.

---

<sup>27</sup> “comtudo”.

<sup>28</sup> “comtudo”.



Agora como há-se ser  
Ai! Que já estamos despidos,  
Esconder ora nos vamos  
Senão estamos perdidos.

ANJO  
Adão! Adão, onde estás?

ADÃO  
Senhor, estou despido  
Escondi-me aqui atrás<sup>29</sup>!

ANJO  
Quem a ti declarou  
De que agora eras despido,  
Não seria por comeres  
D'esse pomo *prohibido*?

Chega, ouve e *bem*<sup>30</sup> cá  
Ouve o que hoje te direi,  
Porque foste atrevido  
Não cumpriste minha lei?

ADÃO  
O engano vem de Eva  
Oxalá eu a não crera,  
Disse-me comera do *fructo*  
E que nem assim morrerá.

ANJO  
Oh! Vil e cobarde homem!  
Onde estava o teu valor?  
Estimavas mais a vida  
Que a glória do *Creador*?

Sim! Oh Eva enganadora  
Que tão louca ousadia  
De induzir o teu Adão  
Contra as ordens que cumpria.

EVA  
Eu bem sei anjo celeste  
Que eu somente tive a culpa,  
Mas enganou-me a serpente,  
Oh! Por Deus, dá-me desculpa.

ANJO  
A serpente não foi só,  
Foi a tua presunção<sup>31</sup>

E desprezares o conselho  
Do teu esposo Adão.

Pensavas tu alcançar  
O saber, de Deus divino,  
É por isso que perdeste  
A graça com desatino.

E se estava já perdida  
E caíste<sup>32</sup> no *peccado*  
Que ganhaste em perder  
Ao teu consorte estimado?

Recebe Eva em castigo  
De teu *peccado* esta pena;  
Mas a serpente primeiro,  
Será a quem Deus *condemna*.

Oh desgraçada serpente  
D'esta culpa o instrumento,  
A terra para sempre seja  
Só o teu puro sustento.

Andarás a rastejar  
Sem haveres pés, nem mão,  
Arrastando esse teu corpo  
Com o peito sempre no chão.

E da mulher nascerá  
Lá em certa *ocasião*  
Que te *pize* essa cabeça  
Já que lhes deste traição.

E tu Eva, por castigo  
Se bem o advertires,  
Grandes dores tu terás  
Por cada vez que parires.

E pois cruel enganastes  
Ao teu consorte Adão,  
Tuas filhas, e tu terão  
Aos maridos sujeição.

Tu Adão em consentires  
*Offensas ao Credor*<sup>33</sup>,  
Haverá só o sustento  
Pelo trabalho e suor.

---

<sup>29</sup> “atrás”.

<sup>30</sup> Por “vem”.

---

<sup>31</sup> “presunção”.

<sup>32</sup> “cahiste”.

<sup>33</sup> Por “Criador”.

Hás-de muito padecer<sup>34</sup>  
E pouco há-de viver,  
Vivendo sempre em desgraça  
Por fim tu há-de morrer.

Esta pena passará  
Toda a tua descendência,  
Por *peccado* original  
Funesta consequência.

Desgraçada por vós foi  
Toda a geração humana,  
Sendo vós o que coroáveis  
As obras d'esta semana.

Oh! Tristes, vós já não sois  
Felizes *quæ*s éreis d'antes,  
A vossa rara *innocencia*  
Durou bem poucos instantes.

Pobres humanos dissei-me  
Que loucura vos perdeu!  
E por vós desprezaste  
*Sciencia* que deus vos deu?

Podia-vos bem lembrar  
Que o orgulho e ambição,  
De muitos anjos demónios,  
Tornou em *condemnação*.

Com que ambição vós loucos  
Pretendeis penetrar;  
Mistérios<sup>35</sup> do grande Deus  
Que só *elle póde* alcançar?

Do *Creador* o saber  
Não é para *creaturas*,  
Nem até pr'os mesmos anjos  
Sem matéria nem figuras.

E quereis *alcançar-o*  
Bichinhos pobres da terra?  
Para *fóra* do *paraizo*  
Seja Adão seja Eva.

ADÃO  
Pobre mulher, trabalha,  
Nós estamos *condemados*  
A suar e trabalhar

Para sermos sustentados.

Não darão as árvores *fructo*  
Que possamos nós comer  
Nem a terra dará nada  
Sem primeiro se romper.

A ainda trabalhada  
Ficará *ella* em tal casta,  
Que *herva*, sargaça cria,  
E mau trigo com madrasta.

Já essa graça original<sup>36</sup>  
Que perdemos por *peccado*  
Fará que nós trabalhando  
Trabalho seja escusado.

As feras até do monte  
Que nos davam obediência  
Contra nós se irritaram,  
Com mui feroz inclemência.

Mas ainda aqui não pára  
Nossas infausta e dura sorte,  
Do *peccado* réu nós somos  
*Subjeitos* por fim à morte.

*Vae* avante ainda mais  
À fatal nossa ruína,  
Pois perdidos já estamos  
Em indignação divina.

Também já experimentámos  
As perdidas regalias  
Do ditoso *paraizo*  
Que eu e tu contente vias.

Esta culpa *commetida*  
Nos causou a maldição  
Perdemos não são para nós  
Gratos *fructos* de bênção.

Ficaremos pois sujeitos  
A *soffrer* enfermidades  
*Afflicção* da natureza  
Muitas mais penalidades.

Essa mão que até agora  
A nossa alma governava,

---

<sup>34</sup> “podecer”.

<sup>35</sup> “Mysterios”.

---

<sup>36</sup> “original”.

Ficará das nossas culpas  
Cega e constante escrava.

Eis o *fructo* da cegueira  
Por um tal *fructo* comer  
Que nada jamais tememos  
Senão somente morrer.

Mas que longa fosse a morte  
Isso pouco importava  
Com tanto que *ella* tivesse  
O termo e fim que esperava.

*Offendemos* pois assim  
A soberana onnipotência  
Suprema excelsa *immensa*,  
Infinita por essência.

Esta era a circunstância  
Por nós inadvertida,  
Com que a Deus nós amaríamos  
Inda mais que a própria vida.

Fiquemos advertidos  
Que posto não queiramos,  
Há-de Deus pedir-nos conta  
Do mal ou bem que obrámos.

Que mal! Oh *Céos* nos não fez  
Este crime *commetido*  
N'este mundo mil misérias  
No outro eterno castigo.

Amantíssimo Jesus  
Rendido estou confessado,  
Que tenho de vos dar contas  
Mas não sei a hora quando.

Retrato eu sou vosso  
Por mão vossa debuxado,  
Vossa figura manchei  
C'o mais enorme *peccado*.

*Condemnar-me* já não sinto  
Ao *supplício* eternamente  
Se cá n'isto satisfizesse<sup>37</sup>  
A justiça onnipotente

Em mim pois que conhecia

Tão ingrata enormidade  
Se vos apraz *condemnar-me*  
Siga-se a vossa vontade.

Se me não quereis *condemnar*  
Não me posso eu queixar;  
Pois juízo outro não há  
Para quem possa *appellar*.

ANJO  
Cala! Ó Adão temerário  
Esse modo de dizer  
Pois tens outro tribunal  
A que deves recorrer.

Não prossigas<sup>38</sup> mais portanto  
Tua alma põe em concórdia;  
Da justiça *appellar* podes  
P'ra divina misericórdia.

Que Deus tem justiça sabes<sup>39</sup>  
E que também piedade  
A esta porém move,  
E com perfeita humildade.

Arrependido te lança  
Com firme dor, *contricção*,  
E do passado *peccado*  
Completo terás perdão.

*Adão de joelhos*.

Ó Senhor todo poderoso  
Bem me *peza* na verdade  
Tão gravemente *offender*  
Vossa Santa *Magestade*.

Por vós serdes só quem sois  
Tão digno de ser servido,  
Morrer eu antes *quixera*  
Do que ter-vos *offendido*.

Inda que ao duro inferno  
Eu não fosse reduzido,  
Ao ver a vossa bondade

---

<sup>38</sup> “prosigas”.

<sup>39</sup> Como se pode conferir pela edição digitaliza, os últimos caracteres desta palavra são de difícil leitura. A nossa reconstituição baseia-se, por isso, no verso de A criação do mundo do mundo no qual se lê. “Sabe que Deus tem justiça”.

---

<sup>37</sup> “sati-fezesse”

Eis-me ver arrependido.

Inda que o *céo* não houvesse  
Para o qual vós me *creastes*  
Eu *quizera* amar-vos tanto  
Quanto a mim vós me amastes?

Senhor, por isso me pesa  
O eu ter-vos *offendido*  
E meu coração *quizera*  
Ter em dor sempre partido.

Para sempre eu proponho  
Com vosso auxílio ajudado,  
Morrer eu antes mil vezes  
Que fazer um só peccado!

Da culpa que *commeti*  
Do meu *peccado* ó Senhor  
O perdão humilde peço  
Perdoai-me com amor.

*Eva, de joelhos.*

Porque da culpa, ó Senhor  
Eu a causa fui primeira,  
De ter caído<sup>40</sup> me pesa  
Com tal crime tal cegueira.

O que só alegar<sup>41</sup> posso  
Meu divino *creator*,  
É que d'este meu *peccado*  
Tenho pena e tenho dor.

Da culpa me pesa medo  
Mas com pena da bondade,  
*Offendido* vosso ter,  
Tende dor! Haja piedade.

E por este só motivo  
Não tornarei a *peccar*,  
A vossa desgraça me dai  
Para eu a praticar.

ANJO

Infeliz Adão e Eva,  
Por o vosso crime e *peccado*,  
Se assim tendes *contricção*  
Está tudo perdoado.

*Attendeu-vos* o Senhor  
A vossa dor e pesar,  
E por seu divino amor  
Não deveis vós mais chorar.

Vosso sustento buscareis  
Desvelosos com cuidado  
A lei natural gozardes  
Que vosso Deus vos há dado.

Mas como vós aspiráveis  
Só a fazer o vosso gsoto,  
Ide trabalhar para comer  
Com o suor do vosso rosto.

E *levae* dos instrumentos  
Que vos hão-de bem servir;  
É de constante lembrança  
Para *jámais* nunca *cabir*.

Eva e Adão *trabalhae*  
*Amanhae* a terra dura  
E presente tende sempre  
Vossa morte e sepultura.

Que vos *promette* o Senhor  
Como assim bem o *cumpraes*  
Que na glória vós entreis  
Não só vós, mas outros mais.

Brevemente não ireis  
Nem tal queirais<sup>42</sup> entender  
Para o *céo*, antes que a Deus  
Fazais por satisfazer.

E por vós não há-de ser  
Nem pelo vosso cuidado,  
Só pelo saber divino  
A quem tendes *aggravado*.

O Senhor isto *promette*  
Mas ainda não quer dizer,  
Quando há-de ser servido  
D'essa graça vos fazer.

Mas quer essa vossa dor  
O Senhor compadecido  
Já perdão vos concedeu

---

<sup>40</sup> “cahido”.

<sup>41</sup> “allegar”.

---

<sup>42</sup> “queiras”.

Do *peccado commetido*.

Do *damno* porém a pena  
Que consiste em não o ver  
Por um tempo Deus reserva  
Até se satisfazer.

Para o limbo vós ireis  
Ou o seio *d'Abrahão*  
Esperando *alli* sem pena  
Vossa final *redempção*.

Mas à risca bem *guardaes*  
Os preceitos *naturaes*  
Conforme a lei que vos dei  
D'onde dependem as mais.

E tu *peccadora* Eva  
Não estejas desconfiada  
Que a misericórdia Divina  
Por tí se fez empenhada.

E de tí há-de nascer  
Uma feliz geração  
Que a infernal serpente esmague  
Que te entregou a maçã.

Uma *donzella* há-de vir  
Que lhe esmague a cabeça  
Fazendo-a estar sujeita  
E que sempre lhe obedeça.

E todo o vivente saiba  
Que fica agora mortal,  
E que os males do mundo  
São só filhos d'esse mal.

Se em fraqueza não cáisse  
*D'aquelle fructo* comer  
Com vossos filhos iríeis  
Para o céu sem morrer.

Mas já que morrer haveis  
Por essa lei do eterno  
Na graça de Deus morreis  
Para livres ser do inferno.

E tu conservas ó Adão  
O que o senhor te ensinou,  
Para notícia tu dares  
Da que agora se passou.

Para que teus descendentes  
Conheçam que são *ignaes*,  
E na soberba não caiam  
De querer ser sobre os mais.

A culpa quem desgraçado  
Não é! Funesto *peccado!*  
Pois tão pronto<sup>43</sup> vos mudou  
De um bom, para ruim estado.

Vosso Deus que vos criou  
Vos venha sempre guardar,  
De que pequeis n'esta vida  
Para na outra o gozar.

Assim saí<sup>44</sup> com presteza  
Por esse mundo além  
E deixai o paraíso  
Que cá não entra ninguém.

Pois se foi *recommendado*  
A sua porta guardar;  
O Senhor assim o manda  
Assim o devo eu obrar.

Para que nem outros, nem vós  
Intenteis a *ocasião*  
*D'aquelle fructo* comer  
Que vos deu a perdição.

Haver não há-de ninguém  
Que deixe de lamentar,  
Vendo que vós sois culpados  
E desterrados a andar.

Na paz ide do Senhor  
A paz de Deus vos assista,  
Adeus tristes desterrados  
E até primeira vista. (*Vai-se o Anho*)

– Meu esposo perdoai!  
Eu fui a causa d'este fim,  
De as delícias venturosas  
Para tí perder e para mim!

Estamos já desterrados  
Em esta vida mortal,  
Adeus sítio venturoso

---

<sup>43</sup> “prompto”.

<sup>44</sup> “sahi”.

Paraíso terreal.

Já vemos ásperos desertos  
Com os montes escarpados,  
*Efeito* são do *peccado*  
*Efeito* de *dous peccados!*

Acabou assim para nós  
A feliz terra<sup>45</sup> de Éden;  
Só terra bravia vemos  
Com ilhas que o mar lá tem!

Inda vejo, (oh *Céas!* Que dor!)  
O *logar* que me criou  
Mas que importa! Se p'ra longe  
Desterrada *d'elle* vou.

Meu esposo, eu te rogo  
Se meu nome tu *permittes*,  
Que *commigo* não te aflijas  
Que *commigo* não te irrites.

Eu serei pois tua escrava  
A servir-te me sujeito  
Porque foste desgraçado  
Por minha causa e respeito.

ADÃO

Minha cara esposa amante  
Oh! Não me dês mais tristeza,  
Pois na divina bondade  
Esperemos com certeza.

O Senhor nunca perdeu  
Ao que *creou affeição*,  
E que vve sempre bem  
Ou do mal pede perdão.

Confiemos pois no *Céo*  
*Sofframos* este desterro  
Inda que venha trabalho  
Castigar o nosso erro.

Pois essa glória suprema  
Em que o Senhor nos *creou*,  
Já lá vai, já se perdeu  
Por nossa culpa acabou.

EVA

Meu Adão, caro consorte  
Oh! Não queiras extremar,  
Que *afflicta* volva os olhos  
Para *aquelle* antigo *logar*.

Porque olhando o que perdi  
A dor assim me contrista,  
Inda que negra montanha  
M'o escondeu já de vista.

Mas por fim há-de chegar  
Esse dia *magestoso*  
Que apeteço e que desejo  
No império glorioso.

Pois que Deus me *promettera*  
Breve um salvador chegasse,  
Depois que eu para a terra  
D'onde eu saí<sup>46</sup>, eu tornasse.

Este é o bem que no futuro  
Espero com alegria;  
Quando então *resuscitar*  
De novo para novo dia.

FIM

---

<sup>45</sup> “terrem”.

---

<sup>46</sup> “sahi”.